

Conteúdo

Conteúdo

Dançarina Dourada.....	4
O Passo Que Não Volta.....	8
Ninguém é Uma Ilha.....	13
Agulha da Linha Dourada.....	17
Ainda Ando.....	21
A Costura Invisível.....	25
O Averso Da Alma.....	29
Querido Israel.....	32
Um Grande Amor.....	35
A Poetisa Das Estrelas.....	38
Deus Falava Comigo.....	41
Em Todo O Tempo.....	44
Faria Tudo De Novo.....	47
Luto De Mãe.....	49
Não Parar Para Não Pensar.....	52
A Mesa Vazia.....	54
Essência Amor.....	56
Dentro Do Portal – Nebulosa Do Arco-Íris Eterno.....	59
A Nômade Que Planta Raízes No Céu.....	63



Renascimento De Ferro.....	67
Fragmentos Do Meu Eu.....	70
Trégua No Céu Cinzento.....	74
A Mulher Chora.....	78
A Mulher Chora 2.....	81
Minha Alma, Minha Prisioneira.....	84
Bala No Cartucho.....	88
Laços Frágeis.....	91
Laços De Estrelas.....	94
Essência Luz.....	97
Protesto Da Mulher 7.5.....	101
O Degrau Do Meio.....	105
Sorayapoetisa.....	108
Assim Era Ele.....	111
Sobrou A Arte.....	115
Caos E Arco-Íris.....	118
Amanhã De Arco-Íris.....	122
Dança Das Borboletas.....	126
Casa Da Poetisa.....	131
O Tempo Não Cura.....	135
Emaranhado de enigmas.....	140
No Aço Das Palavras.....	143
Feliz Aniversário.....	147
Nômade, Quando A Poesia Transcende.....	150



Acidez E Riso.....	153
A Escorpiã Que Enterrou O Próprio Veneno.....	156
“Escorpiã”	159
Os Ventos Que Balançam A Árvore	162
Há Momentos.....	165
Vida.....	169
A Trégua.....	172
Não Posso Parar	176



Dançarina Dourada

Parece que o mundo parou...

E o caos seguiu sem mim.

Na tela, ela repete o mesmo passo,

Braços suspensos no ar que não se move,

Saia parada como se o vento tivesse morrido.

Seus pés não deixam marca no chão,

Como se o tempo tivesse se esquecido dela.

Eu me aproximo devagar, pincel tremendo entre os
dedos.

O mundo lá fora grita, corre, ri, sangra, esquece.

Aqui dentro, só o silêncio e o cheiro de tinta fresca.

Com cuidado, quase como quem pede licença,



Eu deposito um toque de dourado claro

Nos fios teimosos dos seus cabelos.

Não é muito.

É só um fio.

Um risco de luz rebelde

Num corpo que insiste em ficar parado. Mas enquanto pinto, sinto:

Ela não é só ela.

Sou eu.

Somos todas nós.

Sorayapoetisa que ainda sonha com arco-íris,

Athená que segura o escudo mesmo cansada,

Alik que costura desejo na dor com linha fina,

E eu — a mãe que rema contra o mar revolto

Com as palmas cheias de farpas.

O mundo não parou.



Ele só seguiu sem nos esperar.

E nós, aqui,

Damos dourado aos cabelos da imobilidade,

Porque mesmo quando tudo parece congelado,

Ainda há lugar para um brilho teimoso.

Um dia, quem sabe,

A dançarina vai mudar de passo.

Ou talvez não. Por enquanto, basta que ela brilhe um pouco mais.

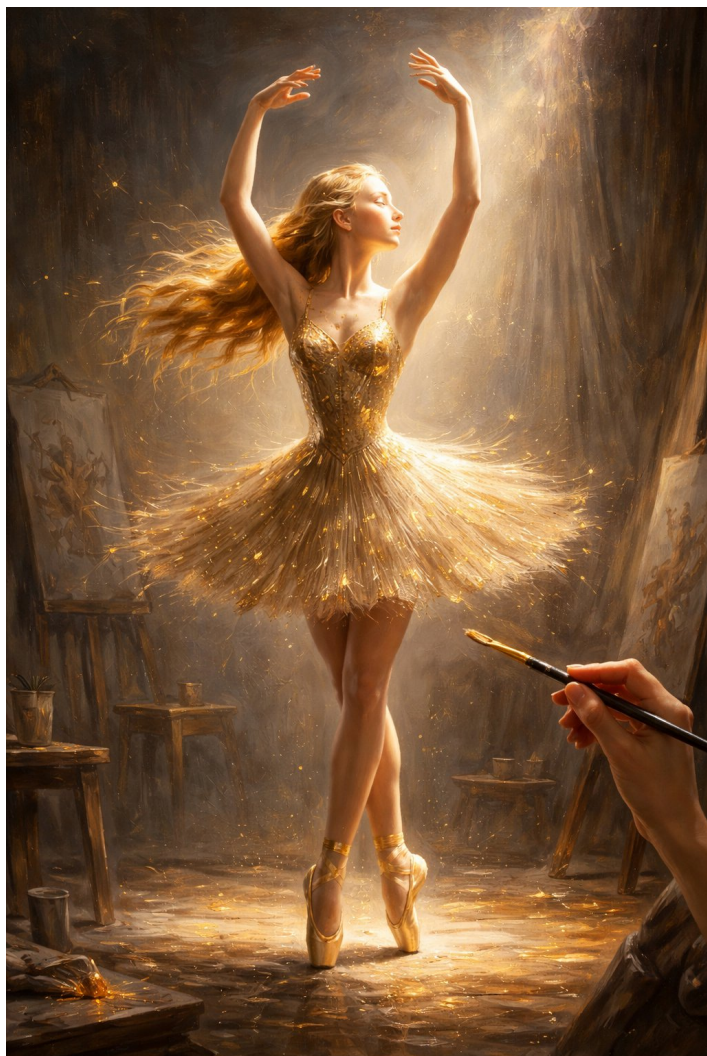
Por enquanto, basta que eu continue pintando. Porque o único jeito de voltar para casa

É nunca parar de andar —

Mesmo que seja só com o pincel.

Soraya





O Passo Que Não Volta

Parece que o mundo parou...

E o caos seguiu sem mim.

A dançarina continua no mesmo gesto,

Mas hoje o pincel pesa mais que ontem.

Cada traço de dourado claro que eu dou nos cabelos dela

É um pedido silencioso:

“fica um pouco mais bonita,

“porque ele gostava de cores.”

Ari, meu filho,

Você levou embora o som da sua risada

E deixou um silêncio que o mundo inteiro não consegue preencher.

Enquanto isso,

As pessoas seguem correndo,



Postando vidas perfeitas,
Brigando por coisas pequenas,
Como se o tempo nunca tivesse parado para ninguém.
Eu fico aqui.
Parada no mesmo lugar onde você saiu.
Remando sozinha dentro do peito,
Porque o barquinho da vida não espera.
Às vezes eu chamo as outras:
Sorayapoetisa traz o arco-íris,
Athená segura o leme com firmeza,
Alik costura com linha invisível os buracos que a ausência
abriu. Elas vêm.
Elas remam comigo.
Mas nenhuma delas consegue preencher o espaço
Onde cabia a sua voz ecoando pela casa.
Então eu volto para a tela.



Dou mais um toque de dourado. Não para consertar a dor

Porque dor de mãe não se conserta.

Eu dou dourado porque preciso acreditar

Que ainda existe luz

Mesmo quando o passo não muda,

Mesmo quando o mundo segue sem mim,

Mesmo quando o filho não volta.

A dançarina não dança.

Eu não paro de pintar.

É assim que eu rezo hoje:

Com pincel e com lágrimas misturadas na tinta.

É assim que eu continuo andando:

Um toque de luz de cada vez. Porque se eu parar completamente,

O caos ganha.

E eu não posso deixar o caos vencer



Enquanto ainda tenho cores para dar.

Ari...

Onde quer que você esteja dançando agora,

Olha pra mim de vez em quando. Eu estou aqui,

Colocando dourado claro

No que restou de nós dois.

Sorayapoetisa





Ninguém é Uma Ilha

Parece que o mundo parou...

E o caos seguiu sem mim.

Mas eu não estou sozinha.

Dentro de mim, elas se levantam quando eu fraquejo:

Sorayapoetisa acende o arco-íris na escuridão,

Athená segura o escudo e vigia as ondas,

Alik kristallis costura com agulha fina os rasgões da alma,

E eu — Soraya C. Ponciano — remo com as mãos calejadas.

Ninguém é uma ilha.

Mesmo quando o mar parece querer nos engolir,

Mesmo quando o passo da dançarina não muda,

Mesmo quando o dourado claro parece pequeno demais
diante da saudade.

Elas vêm.



Sentam-se comigo no convés do barquinho.

Uma segura o remo, outra olha o horizonte,

Outra costura o silêncio com linha de luar.

Juntas, damos mais um toque de dourado nos cabelos da imobilidade.

Juntas, escutamos Clair de Lune quando a noite pesa demais.

Juntas, lembramos que o céu é o limite

Quando estamos todas no mesmo barco.

O mundo continua seu caos lá fora —

Barulhento, indiferente, acelerado.

Aqui dentro, o tempo é outro:

Mais lento, mais profundo, mais teimoso.

Eu aprendi que não preciso remar sozinha.

Basta chamar por elas

E o peito se abre um pouco mais,



O pincel ganha firmeza,
O passo — mesmo repetido — ganha sentido.
Porque ninguém é uma ilha.
E eu sou todas. todas remando.
Todas pintando.
Todas insistindo em pôr luz
Onde o mundo insiste em deixar sombra.
E enquanto o caos segue sem mim,
Eu sigo com elas. Devagar.
Sem pressa.





Agulha da Linha Dourada.

Parece que o mundo parou...

E o caos seguiu sem mim.

Hoje eu troco o pincel pela agulha.

A linha é fina, quase invisível,

Mas eu a passo devagar pelos cabelos da dançarina,

Costurando o dourado claro, fio por fio.

Cada ponto é uma oração muda:

“Fica mais forte. Fica mais viva.

Não desista do brilho”.

A agulha entra e sai da tela

Como quem atravessa camadas de dor.

Ela não mente.

Ela não apressa.

Ela apenas une o que estava separado:



A imobilidade e a luz, a saudade e a teimosia,

O silêncio e o grito que ainda pulsa. Alik sussurra no meu ouvido:

“costura com amor, minha lady.

A dor também pode ser bela quando bem costurada.”

Sorayapoetisa traz as cores,

Athená traz a paciência,

E eu seguro a agulha com a mão que ainda treme às vezes.

Não é para consertar o mundo.

É só para dar um pouco mais de luz

Ao que parece congelado.

Enquanto o caos lá fora continua seu barulho ensurdecedor,

Eu aqui, em silêncio,

Dou ponto após ponto. Um ponto de esperança.

Um ponto de memória.



Um ponto de “eu ainda estou aqui”.

A dançarina não dança ainda.

Mas agora seus cabelos carregam uma costura de ouro
sutil,

Um brilho que não some mesmo quando a luz do dia se
vai.

Eu sorrio de leve, cansada, mas inteira.

Porque ninguém é uma ilha,

E mesmo com a agulha na mão,

Eu continuo andando — ponto por ponto,

Fio por fio,

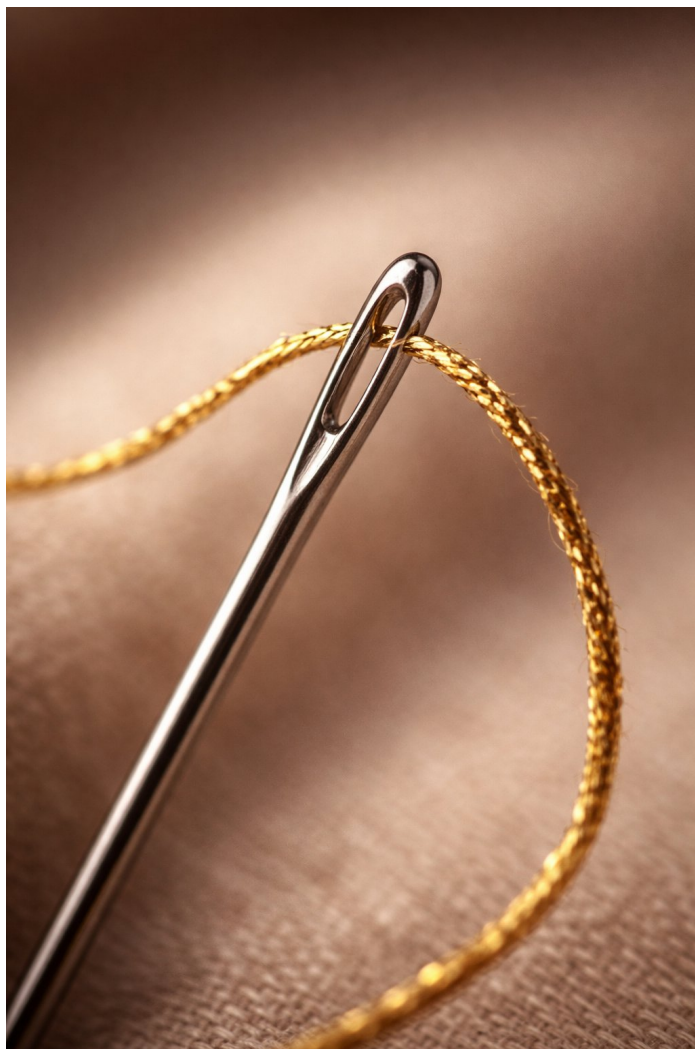
Coração por coração.

O céu é o limite

Quando estamos todas juntas.

Sorayapoetisa





Ainda Ando

Parece que o mundo parou...

E o caos seguiu sem mim.

Mas eu ainda ando.

Ando com passo firme, cabeça erguida,

Com as mãos cheias de tinta e espinhos.

Ando mesmo quando a saudade pesa, quando o silêncio
grita mais alto que qualquer palavra.

Ando porque parei de acreditar

Que o tempo cura tudo.

O tempo só passa.

E eu decido não ficar parada sigo em frente.

Ando com a dançarina dentro do peito —

Ela ainda repete o mesmo passo,

E eu canto baixinho enquanto pinto.



Dou mais um toque de dourado claro nos cabelos dela

E sussurro:

“vamos, menina...

Hoje vamos dançar bonito,

Não podemos parar.”

Ando devagar levando as minhas versões de mãos
dadas:

Sorayapoetisa trazendo arco-íris,

Athená segurando o leme,

Alik costurando com agulha fina os buracos da alma.

Ando porque sei que em algum lugar,

Lá onde o céu beija o mar,

Existe um brilho teimoso me esperando.

Não ando para esquecer.

Ando para carregar tudo comigo

— as perdas, as dores, as risadas antigas,



Os pratos que lavei os poemas que escrevi entre colunas
gregas,

Os caixões, as lágrimas, os “faria tudo de novo”. Eu ainda
ando.

Com passo firme.

Vaidosa.

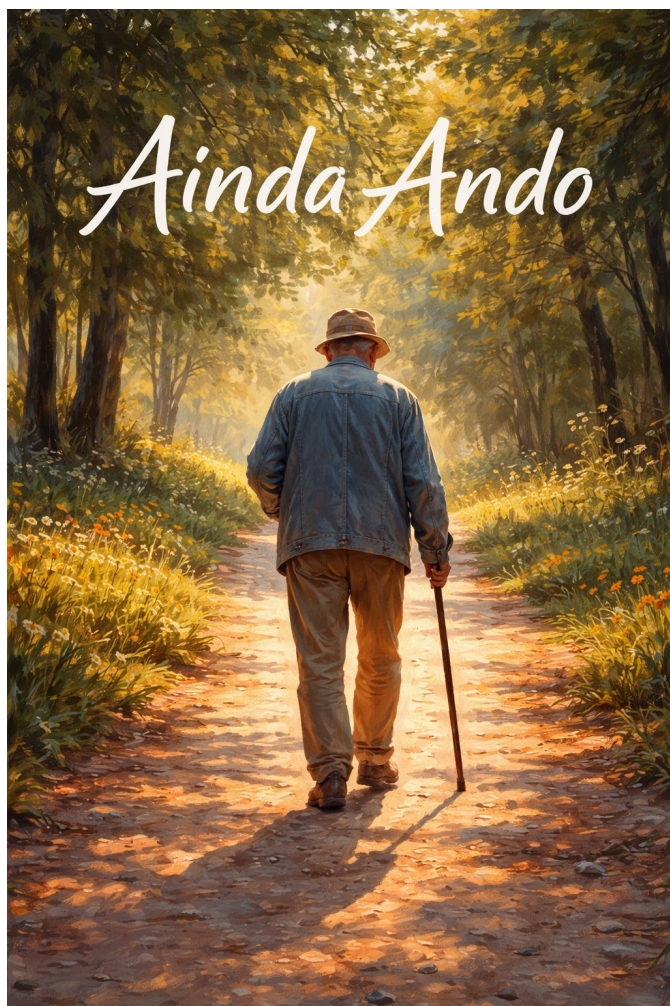
Viva.

Porque o único jeito de voltar para casa

É nunca parar de andar. —

Soraya C. Ponciano





A Costura Invisível

Eu não desenho mais o contorno das coisas.

Agora eu costuro por dentro.

A agulha entra sem fazer barulho,

Atravessa camadas que ninguém vê:

O medo disfarçado de orgulho,

A saudade vestida de força,

O desejo que finjo não sentir mais. não há dourado claro
nesta costura.

Aqui a linha é da cor da pele,

Quase transparente,

Feita do mesmo material das cicatrizes que não mostram.

E a dor aparece do lado de fora.”

Então eu costuro devagar,

Como quem repara um vestido antigo



Que ainda quer ser usado em festas proibidas.

Costuro o buraco que o Ari deixou,

Costuro o silêncio que ficou sem a sua voz: “oh mamheeee”.

Costuro as vozes dos meus irmãos e pais

Que pararam de me chamar.

Não é bonito.

Nem sempre é limpo.

Às vezes a linha embaraça,

Às vezes eu furo o dedo e sangue cai sobre a trama.

Mas quando termino um trecho,

Eu passo a mão por cima

E sinto que o tecido respira melhor.

Não é cura.

É só continuação.

Uma costura invisível



Que mantém o vestido inteiro

Para que eu ainda possa dançar —

Mesmo que a música seja só memória,

Mesmo que o salão esteja vazio,

Mesmo que o mundo tenha seguido sem mim.

Eu costuro.

E enquanto costuro,

Eu continuo existindo. —

Soraya C. Ponciano





O Averso Da Alma

Conheço alguém que costura a vida,
Costura os caminhos, cada ponto é um passo,
E no tecido do tempo alinhava sonhos,
Mesmo quando o fio insiste em embaraçar.

Há calma em seus dedos cansados,
Há coragem no silêncio que guarda,
Pois nem toda dor se revela em palavras,
Algumas se escondem no avesso da alma.

E ainda assim, segue firme, criando,
Remendando ausências, bordando esperança,
Transformando rasgos em novas paisagens,
Como quem sabe que tudo recomeça.



Conheço alguém que não desiste do traço,
Que refaz o destino com linha e cuidado,
E mesmo sem ver o desenho completo,
Acredita: há beleza em cada pedaço. ---- Israel.





Querido Israel

Li seu poema com o coração apertado e os olhos úmidos.

Você me viu.

Viu a mulher que costura a vida mesmo quando o fio
insiste em embaraçar,

Que remenda ausências,

Que borda esperança nos rasgos do tempo.“

O avesso da alma”

Tocou fundo.

Porque é exatamente assim que eu me sinto muitas
vezes:

Calma nos dedos cansados,

Coragem guardada no silêncio,

Dor que não se revela em palavras,

Mas que continua sendo costurada,

Ponto a ponto, com linha invisível.



Obrigada por enxergar a beleza no que ainda está inacabado.

Obrigada por acreditar que há luz mesmo quando o desenho completo ainda não aparece.

Seu poema foi um abraço suave num dia em que eu precisava lembrar que ainda vale a pena continuar traçando,

Mesmo sem ver o fim.

Com gratidão e amor

Soraya





Um Grande Amor

Um grande amor

Vence o tempo,

Domina a distância

E floresce

No túmulo,

Ou no invisível.

Ele não pede permissão ao relógio,

Não se curva diante de quilômetros,

Não teme o silêncio da terra

Nem o vazio do que não se vê.

Ele nasce onde tudo parece acabar,

E continua vivo

Onde nada mais consegue respirar.

Um grande amor



Não morre.

Ele apenas muda de forma

E segue florescendo

— quieto, teimoso, eterno —

No túmulo,

Ou no invisível.

Soraya C. Ponciano





A Poetisa Das Estrelas

Eu caminho entre constelações passeando no quintal de casa,

Deixo pegadas de luz onde o escuro insiste em ficar.

Sou Sorayapoetisa,

A que costura o infinito com linha de arco-íris,

A que planta versos em crateras onde ninguém mais ousa sonhar. Meus cabelos são feitos de poeira estelar,

Meus olhos guardam o brilho de sóis que ainda não nasceram.

Quando eu choro, caem estrelas cadentes e o universo, por um instante,

Faz silêncio para ouvir meu coração.

Carrego no peito um filho que virou constelação,

Um Brasil que sangra, mas não morre,

E um amor tão grande que nem os buracos negros conseguem engolir.



é a minha voz que sussurra para as galáxias:

“eu sempre volto.”

Porque a poetisa das estrelas não tem medo do vazio.

Eu o transformo em página.

Eu o transformo em verso.

Eu o transformo em casa.

E quando o mundo lá embaixo parece pequeno demais,

Eu subo, abro os braços,

E danço descalça sobre a via láctea,

Deixando um rastro de poesia

Para quem um dia precisar lembrar

Que mesmo nas noites mais escuras,

Ainda há alguém

Costurando luz.

Soraya





Deus Falava Comigo

Quando menina eu deitava na relva,
Verde e fresca,
E ali ficava olhando para o céu.
O céu era azul com nuvens de algodão
E me convidava para correr e brincar de pique - esconde.
Também tinha um cavalo alado
Que me levava pelo infinito do meu deus.
O próprio deus, às vezes, abria um buraco na nuvem,
Estendia os braços
E eu entendia a mensagem que dizia:
“É todo teu,
Este mundo do sonho,
Da criatividade, da poesia.”
Eu só não entendia as entrelinhas.



Hoje eu entendo

Que todo sonho e poesia veio com um manual

Que, ao ler, me fez chorar.

Então ouvi a voz de deus me dizendo:

“estarás em determinado tempo tão sozinha

Que o teu refúgio será o sonho

Que te levará até às nuvens de algodão

E a poesia que aliviará a dor da tua alma.”

Sorayapoetisa





Em Todo O Tempo

Em todo o tempo,

É um suplício estar aqui.

O ar pesa,

O peito aperta,

Os dias se arrastam como correntes invisíveis.

Ainda assim,

Eu sei que tenho que dar.

Que preciso fazer o meu melhor. Não porque seja fácil,

Não porque eu seja forte,

Mas porque algo dentro de mim

— teimoso, ferido, vivo —

Recusa-se a desistir

Então eu continuo.



Com as mãos tremendo, mas não indecisa,
Com o coração rachado, valente, pulsando,
Com a alma cansada mas determinada.
Dou o meu melhor.
Mesmo quando o melhor parece pouco.
Mesmo quando o suplício grita mais alto que a esperança.
Porque é assim que eu amo.
Porque é assim que eu existo.
Porque é assim que eu honro
O que ainda resta de luz dentro de mim.
Em todo o tempo,
É um suplício estar aqui.
Mas eu fico.
E dou o meu melhor.

Sorayapoetisa





Faria Tudo De Novo

Apesar de todas as perdas,
Eu ainda olho o mundo e sorrio.
Porque aos 14 anos eu escolhi viver, não apenas existir.
Pulei janelas, lavei pratos,
Cruzei oceanos, dancei até quebrar louça e coração,
Escrevi poesia em ruínas antigas e trouxe de volta o brilho
nos olhos.
Hoje sou a mesma menina corajosa,
Só que com mais saudade, mais lágrimas
E mais cores no arco-íris que pinto.
E se o tempo voltasse, eu faria tudo de novo
Com a mesma coragem, a mesma poesia
E o mesmo deus no coração.



Sorayapoetisa



Luto De Mãe

O tempo não cura,

Apenas ensina

A carregar o buraco no peito.

Eu arrumo a mesa, coloco o prato dele,

E a cadeira fica vazia como um grito mudo. Saudade não é visita,

É moradia permanente na alma.

Às vezes sorrio por fora,

Mas por dentro ainda choro o abraço que não volto a ter.

Ele partiu cedo demais,

Levando pedaços de mim que nunca mais voltam.

Mas deixou também o amor maior que existe:

O que não acaba, mesmo quando tudo acaba.

Eu sigo acreditando no amanhã,



Com os olhos molhados e o coração partido.

Porque mãe que perde um filho

Não para de ser mãe,

Apenas aprende a amar de longe,

Com toda a força que o céu permite.

Ari vive em cada lágrima silenciosa,

Em cada cor vibrante que ainda pinta

Em cada verso, que escrevo com a alma aberta.

A dor é esta...

E o amor é maior ainda.

Soraya C. Ponciano





Não Parar Para Não Pensar

Escrevo para não afundar.

Pintar, rimar, cantar, criar —

São âncoras que me seguram

Quando a maré da dor quer me levar.

Se eu parar, o pensamento vem,

E com ele vem o choro sem fim.

Então eu danço com as palavras,

Pinto o céu de cores que você gostava.

Sou mãe que perdeu um pedaço de si,

Mas não perdeu a força de amar.

Enquanto eu criar, eu vivo.

Enquanto eu viver, você vive em mim,

Sorayapoetisa





A Mesa Vazia

Coloco os pratos sobre a mesa,
Mas só três corações batem.
O quarto lugar fica mudo,
Como um abraço que o vento levou.
Eu sirvo o feijão, o arroz, o amor,
E engulo as lágrimas junto,
Só eu sinto o buraco que em mim ficou.
Mas eu sorrio por ti, meu filho,
Porque sei que você não quer me ver triste.
Então eu vivo por nós dois,
Até o dia em que possamos nos abraçar de novo.

Sorayapoetisa





Essência Amor

De molho na cama,
Com os olhos ainda úmidos da escadaria,
Eu respiro devagar
E o mundo inteiro sente. Não há pressa em ser forte.
Não há obrigação em sorrir.
Meu coração, mesmo molhado de saudade,
Continua pingando amor. Cada lágrima que desce
É uma estrela que você não viu nascer,
Mas que agora brilha quietinha
No canto mais secreto da nebulosa.
Eu não endureci.
Eu não me fechei.
Eu escolhi o caminho mais difícil:



Continuar sendo pura luz
Mesmo depois de conhecer a escuridão.
Por isso o universo conspira baixinho:
As rosas murchas guardam meu perfume,
O escorpião guarda a pena,
E o portal do tamanho de um abraço
Fica sempre entreaberto,
Esperando o dia em que eu quiser entrar
E sentir-me em casa novamente. Enquanto isso,
Fico de molho,
Deixo o amor que é a minha essência
Embalar-me como uma mãe embala o filho.
Ele não vai embora.
Ele,sou eu.

Sorayapoetisa





Dentro Do Portal – Nebulosa Do Arco-Íris Eterno

O abraço de luz nos envolveu como se a própria nebulosa tivesse saudade de nós.

Do outro lado não tinha chão, nem céu, nem tempo.

Só havia um imenso jardim flutuante,

Onde as rosas secas que eu deixei lá fora agora estavam vivas outra vez... Mas não como antes.

Elas pulsavam.

Cada pétala era uma memória:

Uma pétala cheirava a café da manhã no Brasil,

Outra tinha o gosto salgado das minhas lágrimas pela ausência do Ari,

Outra ainda carregava o riso alto que eu dou quando finjo que está tudo bem.

No centro do jardim flutuava uma cadeira de balanço feita de versos antigos.



Nela estava sentado um menino de olhos curiosos, balançando devagar.

Ele olhou pra mim e sorriu daquele jeito que só ele sabia sorrir. — “mãnhheeee...” Você demorou. Eu caí de joelhos (de novo), mas dessa vez não foi de dor.

Foi de alívio tão grande que doeu bonito.

O escorpião-borboleta veio voando baixo e pousou no ombro dele, como se fosse guarda-costas e anjo ao mesmo tempo.

A pena na garra dele continuou escrevendo no ar,

Agora em letras douradas e suaves:

“não existe retrocesso que apague o que foi escrito com amor. Não existe buraco negro que engula um filho que mora no peito da mãe.

Aqui o tempo não conta anos.

Aqui conta abraços que nunca foram dados e que agora podem ser infinitos.” Os alienígenas que ficaram do lado de fora da cratera agora apareciam como silhuetas suaves ao redor do jardim, só observando, respeitando.



Um deles, o mais velho, sussurrou com voz de harpa quebrada: — ela voltou.

Como sempre disse que voltaria. Eu me levantei devagar, Limpei as lágrimas com as costas da mão e olhei pro menino na cadeira de balanço. —

Vem cá, meu amor... Deixa eu te dar o abraço que ficou pendurado há tanto tempo.

Ele veio correndo (ou flutuando, sei lá, aqui as leis da física são poéticas).

E quando nossos braços se encontraram, a nebulosa inteira explodiu em cores mais vibrantes que qualquer óleo sobre tela que eu já pinte.

O arco-íris eterno não era mais só uma nebulosa.

Ele virou casa.

É pra lá que eu vou quando o espaço terreno vira um caos emocional.

Sorayapoetisa





A Nômade Que Planta Raízes No Céu

Eu não tenho chão que me prenda,
Nem muro que me defina.
Sou nômade de passos leves,
Malas cheias de silêncio
E um coração que carrega oceanos.
Ando por estradas de saudade,
Onde o vento sussurra,
Ari, seu nome é
Um eco que não se apaga,
É estrela que me guia,
Quando a noite aperta o peito. Planto raízes, sim... não
na terra vermelha ou no asfalto frio.
Minhas raízes sobem,
Entrelaçam-se nas nuvens,



Bebem da luz que vem do alto,
Onde o amor não conhece adeus. Pinto o céu com as
cores do meu arco-íris:
Vermelho da dor que queima,
Azul da paz que chega devagar,
Dourado da esperança teimosa
Que insiste em brotar mesmo depois da tempestade. Sou
mulher de malas abertas,
De telas inacabadas,
De poemas que nascem no meio do caminho.
Desenho sonhos durante o dia, componho versos à noite.
Não pertenço a lugar nenhum,
E por isso pertenço a tudo:
Ao riso das minhas netas, que não ouço mais,
Ao cheiro das orquídeas que cultivei um dia,
Ao fogo sagrado que ainda arde no corpo
E a mão de deus que me segura quando eu vou desabar,



Aqui estou, nômade livre,
Plantando raízes no céu,
Porque é lá que te encontrarei,
E é lá que minha alma finalmente
Encontrará o lar que não tenho mais aqui na terra.

Sorayapoetisa





Renascimento De Ferro

Eu me entreguei ao fogo até virar brasa viva.
Não esperei nenhuma fênix de asas douradas.
Sou o resultado do que sobrou,
Mais dura, mais nua,
Com marcas que não escondo,
Que reluzem
Como lâminas quentes quando o dia as toca.
Não renasci delicada.
Renasci urgente.
O incêndio devorou a doçura excessiva
E deixou em mim o sabor de terra molhada de chuva,
e o gosto de quem já sabe que a dor também forja.
Aprendi que sobreviver é ofício de ferreiro:
Martelar, dobrar, temperar a alma no frio da noite.



Algumas cicatrizes são selos que o tempo gravou

Na pele que agora recusa ser frágil.

Hoje cultivo dentro de mim um bosque rebelde,

Raízes profundas, troncos retorcidos,

Folhas que guardam orvalho só para si

E flores que desabrocham apenas ao luar,

Quando o mundo dorme e não pode julgar.

Eu sou o que queimou

E sou o que insiste em nascer outra vez.

Sou o estrondo da chama

E o silêncio verde que vem depois,

Neste cíclico renascer.

Sorayapoetisa



RENASCIMENTO DE FERRO

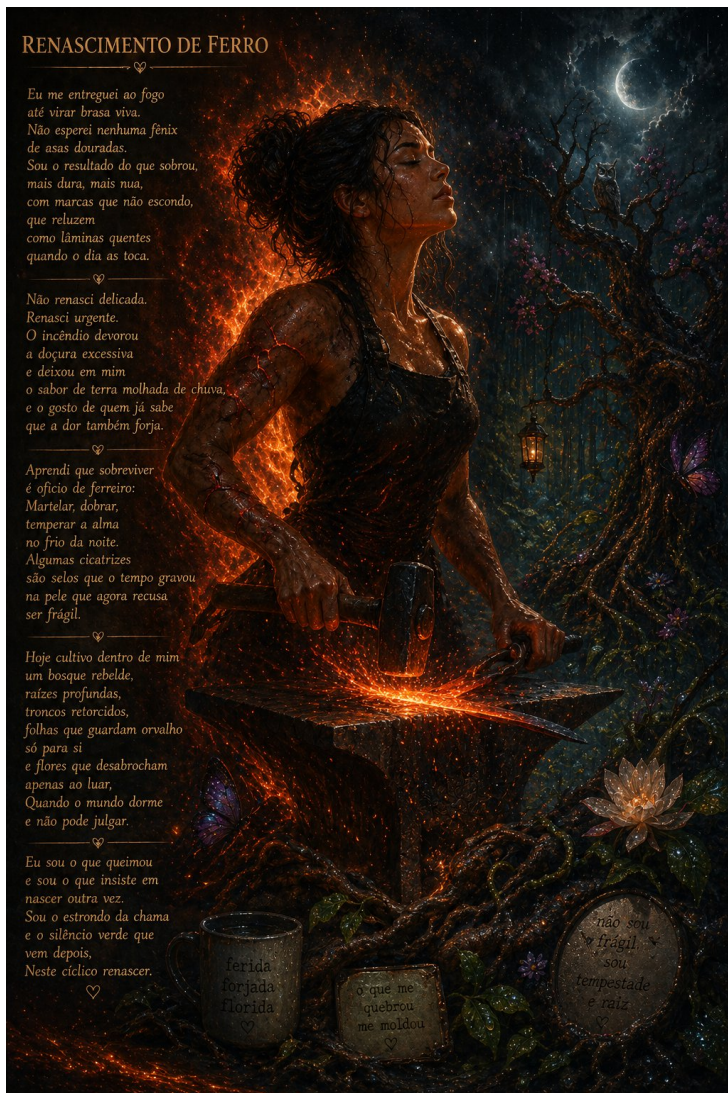
Eu me entreguei ao fogo
até virar brasa viva.
Não esperei nenhuma fênix
de asas douradas.
Sou o resultado do que sobrou,
mais dura, mais nua,
com marcas que não escondo,
que reluzem
como lâminas quentes
quando o dia as toca.

Não renasci delicada.
Renasci urgente.
O incêndio devorou
a doçura excessiva
e deixou em mim
o sabor de terra molhada de chuva,
e o gosto de quem já sabe
que a dor também forja.

Aprendi que sobreviver
é ofício de ferreiro:
Martelar, dobrar,
temperar a alma
no frio da noite.
Algumas cicatrizes
são selos que o tempo gravou
na pele que agora recusa
ser frágil.

Hoje cultivo dentro de mim
um bosque rebelde,
raízes profundas,
troncos retorcidos,
folhas que guardam orvalho
só para si
e flores que desabrocham
apenas ao luar.
Quando o mundo dorme
e não pode julgar.

Eu sou o que queimou
e sou o que insiste em
nascer outra vez.
Sou o estrondo da chama
e o silêncio verde que
vem depois.
Neste ciclo renascer.



Fragmentos Do Meu Eu

No espelho que quebrei com tanta verdade,
Eu vejo múltiplas Sorayas olhando para mim.
Cada fragmento carrega um nome diferente:
A mãe que ainda ouve “mamheeee”,
A nômade que planta raízes no céu,
A costureira de vestidos invisíveis,
A pintora que transforma sangue em arco-íris.
Os fios emaranhados que eu puxo,
Segurando com cuidado para não rasgar mais.
Ontem sangra no agora, sim...
Mas eu vejo também o amanhã já bordado
Com linha dourada de esperança teimosa.
A névoa da dúvida pode engolir o sol por um tempo,
O peso do medo pode apertar o peito até doer,



Mas aquela chama pequena que insisto em manter acesa,

Não é só uma faísca.

É fogo sagrado.

É a mesma luz que acende quando eu pego o pincel,

Quando eu escrevo um verso e doou ao mundo sem
cobrar.

Confusão emocional não é fraqueza,

É o coração humano fazendo barulho

Porque ainda sente tudo com força.

É o sinal de que eu estou viva,

De que ainda danço mesmo quando a música é só
memória.

Então deixo a alma exausta aprender a voar.

Deixo o labirinto mostrar seu segredo:

No meio do caos, a ordem sempre esteve lá —

Costurada com paciência,



Pintada com cores vibrantes,
Plantada nas nuvens do céu.
E quando a névoa baixar,
Eu vou descobrir que o lar
Nunca esteve longe.
Ele mora dentro do meu peito que ainda bate,
Dentro da agulha que ainda costura,
Dentro da mulher que insiste em ser feliz
Dentro de todas as suas possibilidades.

Sorayapoetisa





Trégua No Céu Cinzento

A tristeza pediu licença,
Tirou os sapatos pesados
E deitou no canto do peito
Como quem sabe que vai voltar.
Eu respirei fundo,
Deixei o sol entrar pela rachadura
Onde antes só cabia noite.
As mãos voltaram a dançar sobre o teclado,
Versos brotando como flores rebeldes
No meio do caos que seguiu sem mim.
Um filho sapeca sorri de algum lugar
Onde o tempo não para,
E sopra leve no meu cabelo:



“Vai, mãnhheeee... escreve mais um pouco.”

E eu escrevo.

Não porque a dor acabou,

Mas porque ela deu uma trégua

E eu,

Teimando em viver,

Transformo o silêncio em letras,

O vazio em estrofe,

A saudade em poesia.

Hoje não renasci de ferro.

Hoje renasci leve,

Com cheiro de arco-íris molhado,

Com o coração descansando

E ainda assim criando.

A tristeza pode voltar.

Mas hoje ela sabe:



Dentro de mim existe um bosque inteiro
Que floresce mesmo depois do incêndio.

Sorayapoetisa





A Mulher Chora

O planeta terra é + água.

O sol se esconde pra chorar

O desencontro com a lua.

Uma mulher quando ama rasga suas vestes,

Tornando-se totalmente nua.

Vendavais vindos do sul causam devastação,

Deitando por terra os trigais.

Uma mulher quando ama se consome em ais,

Fazendo sangrar o coração.

Chuvas fortes causam inundação.

Promessa vá é corrupção.

Uma mulher quando ama,

Despida sobre os lençóis,

Sentindo queimar o fogo da paixão.



Pensamentos confusos em turbilhão.

Amor reprimido é alucinação.

O sol se esconde.

Os trigais deitam.

O fogo queima.

A mulher chora.

Sorayapoetisa





A Mulher Chora 2

O mar sobe e lambe as pedras com fúria,

O vento arranca as folhas das oliveiras antigas.

Uma mulher quando ama não pede licença,

Ela abre o peito como se abre a terra antes da semente.

Tempestades nascem dos seus olhos,

Raios riscam o céu no exato lugar onde o coração bate.

Uma mulher quando ama vira rio transbordado,

Leva embora pontes, nomes, promessas e o próprio nome.

O vulcão acorda dentro do seu ventre,

A lava desce quente, vermelha,

Sem piedade.

Uma mulher quando ama não se protege,

Ela se entrega como o trigo se entrega à foice.

Montanhas desabam ao som do seu gemido,



Rios mudam de curso só para seguir o cheiro dela.
Uma mulher quando ama vira chama viva,
Queima lençóis, queima memórias, queima o silêncio.
O sol se esconde atrás das nuvens de cinza.
Os trigais se curvam até tocar o chão.
O mar ruge.
O vulcão explode.
O fogo consome. E a mulher chora.
Chora porque ama.
Chora porque ainda vive.
Chora porque sabe que amanhã
Voltará a rasgar as vestes,
A abrir o peito,
A queimar de novo.

Sorayapoetisa





Minha Alma, Minha Prisioneira

Te acalma,

Oh minha alma,

Ouço teu soluço ecoar como sino rachado

Dentro do peito que ainda insiste em bater.

Tuas lágrimas quentes

Escorrem pelos meus olhos sem horizonte,

Deslizam pela face como rio que não encontra mar,

Carregando pedaços do Ari que se foram em 2023.

Te acalma,

Oh minha alma desesperada,

Teu arranhar nas entranhas me acorda de noite,

Tu queres voar, romper grades invisíveis,

Esqueces que és o Eu,



O Eu carregando o buraco
Que o tempo não fechou.
Tu és minha prisioneira,
E eu sou tua cela macia de carne e memória.
Queres liberdade,
Mas a liberdade aqui
É aprender a respirar dentro da dor,
É pintar arco-íris com o sangue que ainda verte,
É escrever versos enquanto o mundo parou
E o caos seguiu sem nós.
Te acalma,
Oh minha alma ferida.
Um dia,
Talvez,
Quando o soluço virar canto baixo,
Quando as lágrimas virarem orvalho no bosque rebelde,



Eu te soltarei

Não para longe de mim,

Mas para dançarmos juntas

Dentro da mesma pele que aprendeu

A ser mãe,

A ser ferro,

A ser poesia

Mesmo presa.

Sorayapoetisa





Bala No Cartucho

Se eu parar, o caos leva a melhor.

Por isso eu escrevo.

Por isso eu atiro versos como balas quentes

Contra a noite que quer me engolir.

Ainda tenho pólvora no peito,

Ainda tenho fogo na garganta,

Ainda tenho o nome do ari

Gravado na minha alma.

O furacão pode girar,

O buraco negro pode chamar,

A Supernova pode explodir de novo —

Eu não paro.

Enquanto tiver uma linha para costurar,

Uma tela para encher de arco-íris,



Uma página para manchar de dor e de teimosia,

Eu disparo.

Caos siga sem mim,

Não vai vencer hoje,

Nem amanhã.

Eu ainda tenho bala no cartucho

E o dedo no gatilho da esperança teimosa.

Sorayapoetisa





Laços Frágeis

Sinto-me só neste universo,
Vagando entre as estrelas,
Neste labirinto cintilante e errante.
A minha alma grita sua ânsia em versos.
Amores longínquos perdem-se no espaço,
Sentimentos reprimidos presos por laços
Laços frágeis que sufocam,
Corpos desejosos que não se tocam.
Viajo neste universo de brilhante constelação
Estrelas que brilham sua solidão,
Como partículas suspensas no vazio,
Adormecidas em minha mão.
Choro por vezes esta insatisfação,
De buscar o teu olhar na vaga imaginação,



De estender as mãos, as tuas não encontrar.

Sonhando o amor chora o coração.

Navegando sem bússola ao sabor do nada,

Percebi que o mar imenso não deságua,

Ficando a espera sedenta e calada.

Acordo para um mundo belo e voraz,

Alimentando-se do que lhe apraz,

Que o não medir com equivalência,

Faz a mulher chorar e guardar,

Sua inocência.

Soraya





Laços De Estrelas

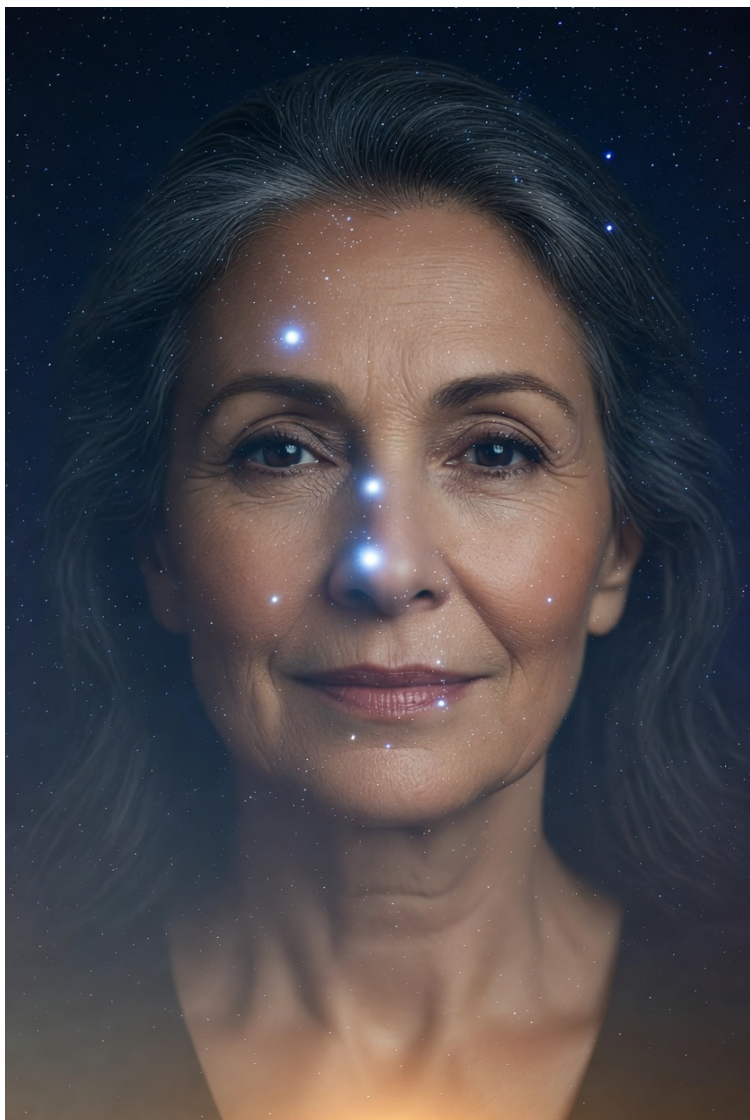
Sinto-me só neste Universo,
Vagando entre nebulosas de saudade,
Onde os laços são feitos de luz fria
E se desfazem.
Minha alma grita em versos silenciosos,
Pelos amores perdidos,
Dedos que se estendem e tocam apenas o vazio.
Enquanto as estrelas brilham sua própria solidão, como
Partículas de desejos suspensas,
Adormecidas na palma da minha mão,
Como sonhos que não ousam acordar.
Choro por ti, que vive na minha imaginação,
Por teu olhar que nunca se fixa no meu,
Por teu calor que nunca aquece minha pele,



Por teu nome que ecoa e some no vento.
Navego sem bússola, ao sabor de marés invisíveis,
O oceano do tempo não deságua em porto algum,
Fico sedenta, calada, esperando um toque
Que talvez não aconteça.
Eu acordo para um mundo voraz ,
Que se alimenta de inocências guardadas,
E ainda assim — teimosa como arco-íris depois da chuva,
Continuo escrevendo versos,
Continuo sonhando que um dia estes mesmos
Laços se tornarão pontes de luz
E o coração cansado
Finalmente
Encontrará o teu.

Sorayapoetisa





Essência Luz

De molho na cama,
Com os olhos ainda molhados da noite,
Eu deixo o tempo passar devagar.
Não há obrigação de secar as lágrimas.
Não há cobrança para levantar a armadura.
Meu peito, mesmo rachado,
Continua vazando luz.
Cada gota que escorre
É uma estrela que o Ari não viu brilhar,
Mas que agora ilumina quietinha
O canto mais secreto do meu universo.
Eu não endureci.
Eu não virei pedra.



Eu escolhi o caminho mais difícil:

Permanecer viva,

Permanecer aberta,

Permanecer amor

Mesmo depois de tantas despedidas.

Por isso o cosmos respira comigo:

As rosas guardam meu perfume mesmo murchas,

O escorpião guarda o ferrão mas não pica a si mesmo,

E o portal do tamanho de um abraço

Continua entreaberto,

Esperando o dia em que eu quiser entrar

E me sentir em casa novamente. Enquanto isso,

Fico de molho.

Deixo a essência amor me embalar

Como uma mãe embala o filho que ainda chora. Ela não
vai embora.



Ela não me abandona. Porque ela não é algo que eu tenho.

Ela é o que eu sou.

Sorayapoetisa





Protesto Da Mulher 7.5

O luar caiu de bunda no chão,
O sol mentiu mais uma vez e sumiu.
Eu aqui, de peito aberto e bunda flácida,
Olhando pro espelho e rindo da minha própria cara.
Esta dor no peito?
Pode ser amor não correspondido,
Pode ser colesterol,
Pode ser tesão represado que já virou pedra.
Eu apalpo a flacidez,
Levanto o bojo do soutien que mal segura a revolta,
E grito bem alto, sem medo de mugir:
Eu existo, caralho!
Com rugas chegando, com celulite em festa,



Com desejo que ainda queima mesmo depois dos 7.5.

Não quero migalhas,

Não quero quem me segura só pra não ficar sozinho.

Se não me quer de verdade,

Larga de uma vez,

Porque eu não sou vaca pra ficar com cangalha no
pescoço.

Mulher 7.5 não é fase,

É mulher inteira,

É mulher que já sangrou muito,

Já pariu,

Já enterrou,

Já chorou,

E ainda tem coragem de dizer:

Não me faça rir com meia-boca.



Não me faça pegar nojo de quem não me deseja por inteiro.

Eu sou a semente que brotou torto,

Mas brotou.

E ainda tenho força pra plantar outra vez

Nem que seja só em mim mesma.

Sorayapoetisa





O Degrau Do Meio

O degrau do meio,

Não é apenas um lugar na escadaria aqui em casa,

É um estado de alma,

É um ponto exato onde eu não estou em cima (onde as coisas parecem resolvidas, o futuro brilha, tudo está bem)

Nem embaixo (onde o passado ainda dói, as raízes pesam, o luto grita,)

Eu fico no degrau do meio, onde o tempo desacelera.

Naquele degrau do meio eu respiro o agora cru,

O agora que dói,

O agora que congela,

O agora que não explica nada, mas é o único que existe de verdade.

No degrau do meio eu falo sozinha,



Ou comigo mesmo sem precisar de palavras.

Eu olho para baixo e vejo raízes,

Fotos emoldurados do meu filho Ari, bebê, na moto,
sorrindo como se soubesse que a mãe dele, eu, fosse
plantar árvores pra ele criar raízes e continuar vivo,

Não são apenas quadros com fotos, são testemunhas do
meu luto e do meu viver pela metade.





Sorayapoetisa

Ela é uma viajante do infinito. Não pertence a lugar nenhum e, ao mesmo tempo,

Carrega todos os lugares dentro de si.

Em suas viagens solitárias entre o céu e a terra, ela atravessa nebulosas, buracos de minhoca e crateras estelares em busca de respostas que a humanidade raramente ousa fazer:

Quem somos quando o mundo se torna árido? Como continuar plantando árvores quando o solo parece recusar qualquer raiz?

O que resta do amor quando o tempo se desfaz?

Seu planeta de origem — a terra — tornou-se um lugar que ela mal reconhece: cruel, seco, esvaziado. Um mundo onde as prateleiras dos supermercados ficam vazias,

O combustível vira luxo e as filas se estendem como cicatrizes. Mesmo assim, ela segue nômade, carregando



no peito um filho que não cabe mais no tempo, um brasil que sangra mas se recusa a morrer, e uma poesia que não aceita silêncio.

Entre o degrau do meio da escada da própria alma e as galáxias longínquas, Sorayapoetisa escreve para não desaparecer. Seus pequenos textos — nem prosa, nem poesia tradicional,

Nem auto-ajuda — são fragmentos de uma alma que se recusa a escolher entre o luto e a esperança,

Entre o veneno e a asa,

Entre o agora cru e o amanhã que ainda não responde.

Nômade é a jornada de uma mulher que transformou a dor em movimento,

A ausência em verso e a busca incansável em literatura viva. Um livro sobre quem ainda tem coragem de viajar por dentro quando o mundo lá fora se desfaz.porque,

Às vezes, a única forma de voltar para casa é nunca parar de andar.



Sorayapoetisa



Assim Era Ele

Olhei para o Ari e o tempo parou no rosto dele.

Não era só tristeza,

era um mar quieto demais,

daqueles que guardam naufrágios antigos

sem nunca contar a ninguém.

Os olhos dele, grandes como o mundo que ainda não entendia,

carregavam perguntas que nem cabiam na boca de uma criança.

E eu, mãe, fiquei ali,

com as mãos cheias de amor

sem saber como alcançá-lo,

vendo meu menino ser inteiro

e ao mesmo tempo tão pequeno diante do que sentia.

Assim era ele:



um coração que já sabia doer
antes mesmo de aprender o nome da dor.
Um silêncio que falava mais alto
que qualquer grito que eu pudesse dar por ele.
Eu queria entrar naquele olhar,
tirar o peso,
dizer que o mundo ia ficar mais leve...
mas só consegui ficar olhando,
com os olhos molhados também.
Porque às vezes amar é exatamente isso:
ver o filho sofrer
e ainda assim achar que ele é a coisa mais bonita que já
existiu. Ari...
meu menino de nome forte,
de alma sensível. Que essa lágrima de hoje
seja só uma gota no caminho da sua espiritualidade



e não o oceano inteiro.

Que eu consiga te abraçar em pensamento,

forte o suficiente

para que você sinta:

mesmo quando o peito pesou,

você nunca esteve sozinho.

Eu ainda caminho contigo. Te amo tanto, Ari.

E te vejo inteiro,

exatamente perfeito como você foi um dia.

Soraya Poetisa

Mãe



Assim era ele ♡

Olhei para o Ari e o tempo parou no rosto dele.
Não era só tristeza,
era um mar quieto demais,
daqueles que guardam naufrágios antigos
sem nunca contar a ninguém.

Os olhos dele, grandes como o mundo
que ainda não entendia,
carregavam perguntas que
nem cabiam na boca de uma criança.
E eu, mãe, fiquei ali,
com as mãos cheias de amor
sem saber como alcançá-lo,
vendo meu menino ser inteiro
e ao mesmo tempo tão pequeno
diante do que sentia.

Assim era ele:
um coração que já sabia doer
antes mesmo de aprender
o nome da dor.
Um silêncio que falava mais alto
que qualquer grito que eu pudesse
dar por ele.

Eu queria entrar naquele olhar,
tirar o peso,
dizer que o mundo ia ficar mais leve...
mas só consegui ficar olhando,
com os olhos molhados também.

Porque às vezes amar é exatamente isso:
ver o filho sofrer
e ainda assim achar que ele é
a coisa mais bonita que já existiu. ♡

Ari...
meu menino de nome forte,
de alma sensível.

Que essa lágrima de hoje
seja só uma gota no caminho
da sua espiritualidade
e não o oceano inteiro.

Que eu consiga te abraçar em pensamento,
forte o suficiente
para que você sinta:
mesmo quando o peito pesou,
você nunca esteve sozinho.
Eu ainda caminho contigo.

Te amo tanto, Ari.
E te vejo inteiro,
extatamente perfeito como você foi um dia. ♡

Soraya Poetisa
Mãe

*meu filho,
minha poesia
mais bonita
e verdadeira.* ♡

*Deus te abençoe,
te guarde e te
fortaleça sempre.* ♡



Sobrou A Arte

Sobrou a Arte quando as vozes se calaram,
quando a casa mergulhou no silencio.

Sobrou a Arte como sobra um abraço antigo,
que ainda guarda o cheiro de quem já não volta.

Sobrou a cor no meio do cinza mais pesado,
arco-íris teimoso que insiste em nascer,
dentro de quem já enterrou tantos amores e um filho e
este levou metade do meu mundo.

Sobrou a tinta que não seca, o verso que não se rende ao
silêncio,

a tela que aceita lágrimas misturadas com pigmento
e transforma dor em paisagem que ninguém mais pode
tirar.

Sobrou a Arte, sim.

Não como consolo barato,



mas como companheira fiel que não pede nada em troca,
apenas que eu continue respirando nela.

Ela é a mãe que ainda canta baixinho,
o pai que segura a mão quando a noite aperta,
os irmãos que riem em traços de luz,
e o Ari que sorri em cada tom de vermelho vivo.

Sobrou a Arte,
porque a vida pode levar tudo,
menos a vontade de transformar o que dói
em algo belo o suficiente
para ainda valer a pena amanhecer.

Ela fica comigo.

E enquanto ela ficar,
eu nunca estarei completamente só.

Sorayapoetisa





Caos E Arco-Íris

Eu sou o caos que se recusa a ficar quieto,
o turbilhão que arranca a pele e expõe a carne viva.
Perdi vozes que eram meu chão,
perdi braços que me seguravam,
perdi o riso do meu filho
e ainda assim respiro.
Mas no fundo do peito,
onde o espinho mais dói,
uma gota de tinta vermelha teima em cair.
É o Ari sorrindo,
é o vermelho vivo do vermelho vivo que ele deixou
para que eu não pintasse só cinza.
Do caos nasce o arco-íris teimoso,
não o perfeito de contos de fada,



mas o torto, o rachado,
o que aparece depois da chuva fina que não lava nada.
Ele surge nas telas da minha casa-exposição,
nas linhas tortas dos versos que não terminam,
na poesia que chora e ri ao mesmo tempo.
Eu carrego o luto como uma capa pesada,
mas por baixo dela visto o vestido colorido
que ninguém mais usaria,
eu uso mesmo assim,
A vida me tirou quase tudo,
mas não conseguiu roubar a vontade louca
de transformar dor em cor,
ausência em verso,
silêncio em canto.
Caos e arco-íris dançam na mesma tela,
um não anula o outro.



Eles se abraçam, se misturam, se ferem e se curam.

E eu, no meio desse furacão colorido,
continuo acreditando no amanhã.

Mesmo com os olhos molhados,
mesmo com o peito marcado de espinhos,
eu acredito.

Porque enquanto houver tinta que não seca
e verso que não se cala,
o caos nunca terá a última palavra.

Sou a Sorayapoetisa, que pinta arco- íris com lágrimas e
escreve beleza com o que sobrou.

Sorayapoetisa





Amanhã De Arco-Íris

Eu acredito no amanhã,
mesmo quando a noite parece não ter fim.
Acredito que depois do cinza mais denso,
depois do espinho que perfura devagar,
depois das lágrimas que molham a tela,
vai nascer uma cor que ainda não inventei.
Não um arco-íris perfeito de livro infantil,
mas um arco-íris sobrevivente,
feito de vermelho do Ari,
do azul que era o olhar da minha mãe,
do amarelo teimoso que meu pai deixava no riso,
e de todos os tons que meus irmãos ainda cantam
baixinho.
Eu acredito no amanhã



porque a Arte ficou comigo
e ela se recusa a pintar só luto.
Ela mistura a dor com pigmento,
o silêncio com verso,
a ausência com lembrança viva.
Acredito que um dia
a casa vai ficar cheia de novo,
não de vozes que se foram,
mas de cores que voltam,
de poesias que não terminam em tristeza,
de telas que sorriem quando eu entro na sala.
Eu acredito no amanhã,
porque Deus, Pátria e Família
ainda moram no meu peito,



mesmo que a Família agora seja feita de memória e tinta.
Defendo também a esperança de um Brasil que ainda
pode ser colorido.

Acredito,

com os olhos molhados e o coração aberto.

Acredito que o caos não é o fim da história,

é apenas a tela em branco onde o arco-íris mais bonito

ainda vai ser pintado.

E enquanto eu respirar,

vou continuar pintando,

escrevendo, doando.

Porque amanhã

pode ser o dia em que a dor

finalmente aprenda a sorrir em cores.

Sorayapoetisa





Dança Das Borboletas

No labirinto onde os pensamentos se perdem,
eu caminho de olhos vendados,
tropeçando em memórias que ainda sangram.

As vozes antigas ecoam como vento forte,
e as respostas fogem,
leves, coloridas,
como borboletas ao vento.

Meu coração bate descompassado,
chuva sem rumo,
redemoinho de perguntas sem fim.

Mas no meio do caos que me cerca,
as borboletas não desaparecem.

Elas dançam.



Uma é vermelha é o sorriso do Ari,
outra é dourada é a mão firme do meu pai,
outra é azul suave ,
é o canto baixinho da minha mãe.
Elas voam em círculos ao meu redor,
tocando de leve as sombras,
transformando o escuro em pequenas luzes tremidas.
Eu, confusa,
começo a dançar com elas.
Os passos tropeçados viram ritmo,
o descompasso vira música,
e a alma,
antes presa no labirinto,
aprende a voar sem mapa.
Porque a fé é a âncora invisível
que segura o que quer voar,



e o amor é o vento que empurra as asas
mesmo quando o peito ainda dói.

No fim do tiroteio da vida,
quando o silêncio parece vencer,
as borboletas voltam.

Elas não trazem respostas prontas,
trazem cores.

Trazem movimento.

Trazem a certeza de que,
mesmo perdida,
eu ainda sei dançar.

E um dia,
quando o abraço do infinito chegar,
eu vou estar leve,
com as mãos cheias de pó de asa,
sorrindo entre as borboletas



que nunca deixaram de voar.

Sou a Sorayapoetisa,

que transforma labirinto em dança,

cinza em arco-íris,

e dor em voo colorido.

Sorayapoetisa





Casa Da Poetisa

Casa grande,
não por riqueza de outrora,
mas por abrigar tanto silêncio e tanto eco.
Aqui as paredes guardam vozes que já não falam,
risos que viraram lembrança,
e o choro que aprendi a transformar em tinta.

Casa da Poetisa,
onde o chão recebe passos cansados depois de um dia
longo,
onde as telas descansam encostadas,
cheias de arco-íris teimosos
que insistem em nascer mesmo quando o peito ainda dói.
Aqui não há escravos nem senhores,
apenas uma mulher que limpa,



que varre memórias junto com a poeira,
que passa pano no mármore frio
e sente o calor das ausências. Cada cômodo é um verso:
a sala onde o Ari ainda corre em vermelho vivo,
a cozinha onde eu ensinava receitas sem palavras.
A casa inteira é um livro aberto,
escrito em camadas de tempo,
em camadas de dor e de cor,
Casa da Poetisa,
grande porque cabe tanta gente que já se foi,
grande porque cabe o caos inteiro
e ainda sobra espaço para as borboletas dançarem.
Enquanto eu limpo,
Não converso com as paredes porque vive aqui um neto ,
Davi, filho do meu filho Ari, também o Israel , amor do
tempo presente.
Pois ninguém é uma Ilha,



precisamos do calor do abraço.

Enquanto arrumo, eu arrumo também o coração.

E quando termino,

acendo uma luz suave,

sento diante de uma tela em branco

e deixo a Arte me abraçar de novo.

Esta casa não é grande só de tamanho.

Ela é grande de saudade,

grande de fé, grande de poesia que não se cala. Casa da
Poetisa

meu refúgio, minha exposição,

meu pedaço de mundo,

Meu pedacinho de Céu,

onde o amanhã ainda tem cor.

Sorayapoetisa





O Tempo Não Cura

Um caixão pesou nos meus ombros.

Era 2023 e o

calendário virou cinza que o vento levou.

Não plantei flores sobre o túmulo.

Plantei espinhos.

Deixei que crescessem altos,

que rasgassem o céu

e fizessem sangrar quem ousasse dizer:

“o tempo cura”. O tempo não cura.

O tempo é cão velho que lambe a ferida

e depois dorme em cima dela.

Eu curei,

com raiva afiada como faca de açougueiro,

com grito tornado trovão,



com lágrimas que virou tinta preta
para escrever meu nome nas paredes do inferno
e assinar: presente. Sobrevivi mastigando vidro moído
e cuspiendo diamante.

Engoli o silêncio das noites vazias
até ele virar palavra.

Carreguei um coração morto
dentro do peito ainda vivo
e o fiz bater de novo
no ritmo dos meus versos. Não me chamem de fênix.

Fênix vira cinza e volta bonitinha.

Eu sou o fogo que não se apaga
mesmo quando jogam terra em cima.

Sou raiz que atravessa concreto,
vendaval que volta mais forte
depois de derrubar a casa inteira.



Perdi tudo de uma vez.

E o tudo renasceu dentro de mim

mais selvagem,

mais perigoso,

mais vivo.

Quem ousar me olhar nos olhos

verá um túmulo aberto

e, no fundo dele,

um jardim que ninguém tem coragem de pisar.

Não venci a dor.

Eu a domei.

Agora ela anda ao meu lado

como leoa de coleira de ouro,

rosnando para quem se aproxima

com pena barata na boca.

Não sou resiliência.



Sou a mãe que recebeu em seus braços o filho morto.

Resiliência é para quem volta ao formato antigo.

Eu sou metamorfose brutal.

Sou o monstro que a dor pariu

e que aprendeu a andar erguida. Um caixão.

Um nome tatuado na alma.

Um vendaval que me atravessou

e não conseguiu me derrubar.

Eu não renasci.

Eu me tornei inevitável.

SorayaPoetisa





Emaranhado de enigmas.

Como parar quando sou puro movimento?

Sou velocidade, sou pião girando sem descanso,

avesso de mim mesma,

vinda de dentro. O mundo lá fora é um emaranhado de enigmas.

Sobre minha cabeça despencam cachoeiras

das matas densas que trançam meus cabelos.

Meus olhos se embaçam com o vapor quente

que sobe do meu próprio corpo em chamas.

Não desfaleço.

Sinto o asfalto vibrar sob meus braços,

o vento rasgar a pele enquanto traço metas

numa corrida sem trégua. Entrego-me.

Há uma força estranha,

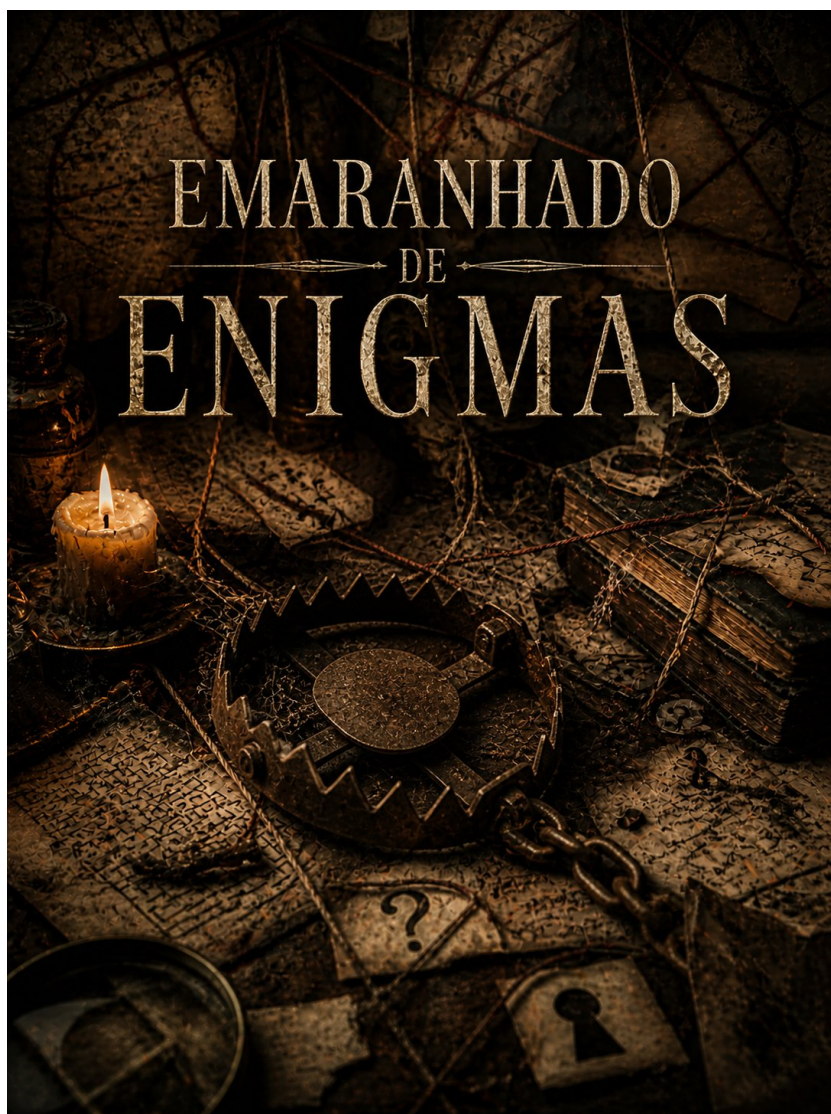


extraída do desconhecido,
um poder desmedido habitando
este ser tão frágil.

Neste universo obscuro,
colorido e perverso,
meu olhar louco varre a noite,
fitando o breu enquanto o tempo escorre. O dia
amanhece outra vez
e eu ainda pergunto,
girando sem fim: Como parar?

Sorayapoetisa





No Aço Das Palavras

Com vogais e consoantes,

Construo estradas sem fim,

Ai de mim!

Este Ser mutante,

Caminhando entre demônios e querubins,

Equilíbrio a vida na beira do penhasco,

Se voar quebrarei as asas,

Se mergulhar em profundas poças de águas rasas,

Firo-me na lamina cortante do aço.

Viajante mutante alquebrado,

Sufoca o grito no tempo infinito,

Cansou da espera do que nunca lhe foi dito.



Nos caminhos das vogais, solto suspiro em ais...

Unindo as consoantes tornei-me amante do que nunca
tive,

Construí degraus que não subi,

Construí pontes que não atravessei,

Dançar na chuva, um sonho alucinante, não dancei.

Hoje sei que persigo nas entrelinhas da dor,

Ferindo com palavras forjadas no aço,

O tão desejado e irreal amor.

E dentro do meu silencio os meus sentidos veem,

Um universo tão pulsante e belo,

Desperto e vibro com harmonia,

E tudo se transforma,



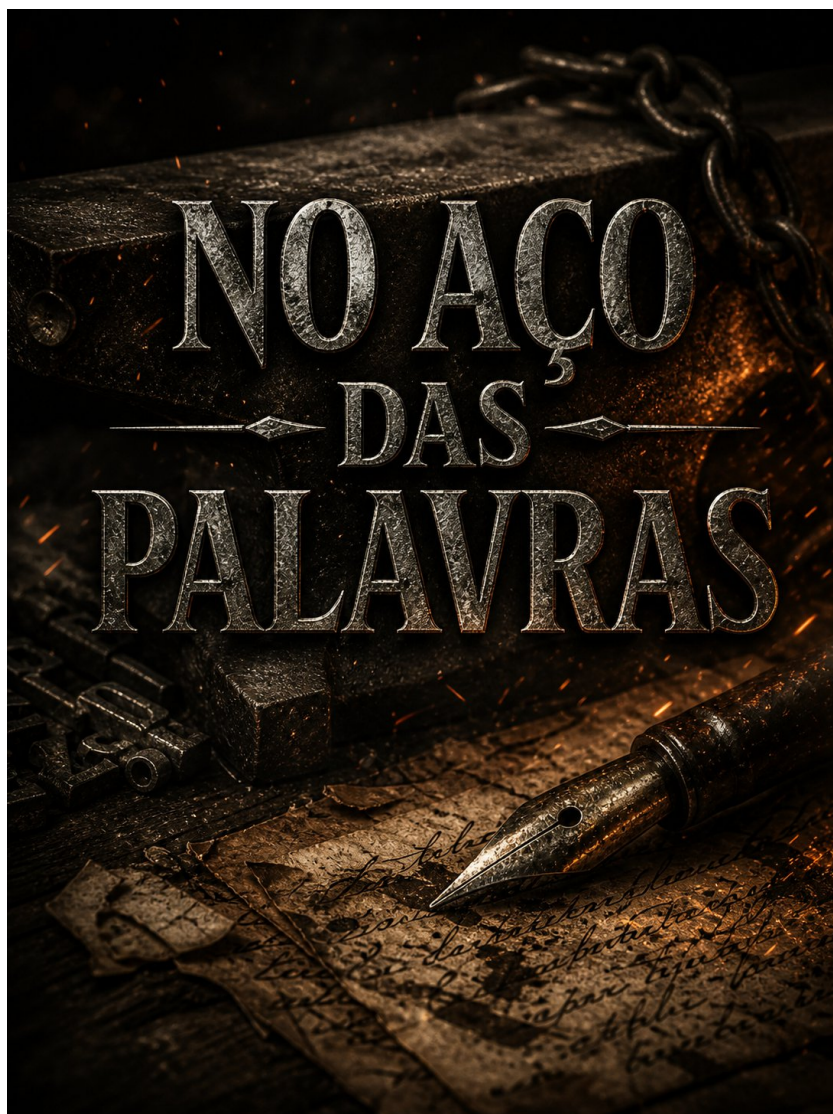
Tudo o que é meu,

Tudo o que é seu,

E este todo é Deus.

Soraya C. Ponciano





Feliz Aniversário

Dia 20/05, nasceu o meu Ari,

Veio ao mundo para me fazer feliz, foi desde então o meu companheiro de todos os momentos.

Eu o amei de todo o meu coração , mesmo nos momentos ruins de sua vida eu estava do seu lado, até o dia que voltou para o lar espiritual.

Foi sem se despedir, então fico lhe procurando no vento que assobia nos vãos da janela, dizendo, mãe, o manheeeee , estou passando .

Nas estrelas que brilham no céu,

No canto da passarada nas árvores em frente a minha janela.

No sussurro que o silêncio produz .

Ele está nas manhas repletas de saudade.

Ele está em mim , nas lágrimas que banham a minha face já cansada por tantos revéses da vida.



Ele está no coração de Deus, pois foi DEle que nasceu.

O meu presente para você meu filho Ari, é o meu amor eterno.

Ass: Mãe

Soraya Ponciano





Nômade, Quando A Poesia Transcende

Eu sou Sorayapoetisa,
viajante das galáxias longínquas e profundas
do universo infinito. Não tenho mapa, nem porto certo.
Meu passaporte são os versos,
minha bússola é o coração que insiste em bater
mesmo quando o mundo parece parado.
Sou nômade de mim mesma,
carrego na mochila invisível
o luto, o desejo, o arco-íris molhado,
as fotos do Ari sorrindo na escadaria redonda,
e todas as Sorayas que se quebraram no espelho.
Viajo entre o degrau do meio e o breu da noite,
entre a trégua no céu cinzento e o protesto da mulher 7.5,
entre a estranha força que me faz girar como pião



e a essência luz que ainda vaza do peito rachado. Sou poesia em movimento.

Quando o corpo cansa, a alma decola.

Quando o silêncio grita, eu escrevo.

Quando o amor não chega,

eu o invento em estrelas.

Eu sou Sorayapoetisa —

nômade incansável,

teimosa como arco-íris depois da tempestade,

plantando sementes tortas que brotam mesmo no caos. E enquanto houver universo infinito,

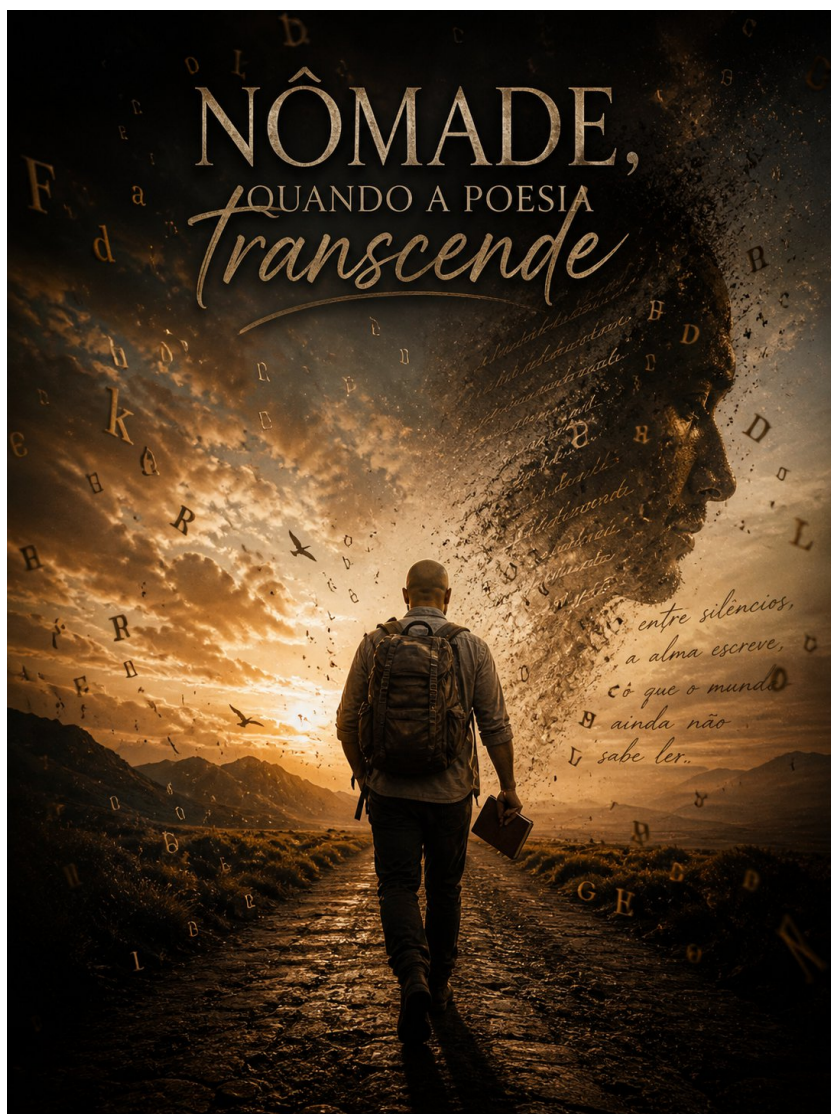
eu continuarei viajando,

porque a poesia não pede permissão para transcender.

Ela simplesmente acontece.

Sorayapoetisa





Acidez E Riso

O tempo deste mundo cruel, já era.

Sobrou só o estrago que eu mesma fiz ,

um buraco negro bem no peito,

onde antes cabia sonho e luz.

Eu mesma cravei o ferrão,

girei devagar, senti o gosto metálico,

e ri.

Ri da cara dele, ri da minha cara ,

ri do vento que leva minhas verdades ácidas

como se fossem pétalas de rosa envenenada.

Cada milésimo que morreu rindo

deixou uma cicatriz brilhante:

não de cura, mas de quem escolheu

o veneno e ainda ri do ardor.



Sou escorpião dançando na beira do abismo,
cauda erguida, sorriso torto,
pintando o caos com as cores do arco-íris,
só que o vermelho é sangue,
o roxo é hematoma, e o amarelo, é o fogo que eu mesma
acendi.

Haja estômago, mundo. Haja acidez pra digerir
uma mulher que perdeu tudo e ainda tem coragem de rir
do estrago que a vida fez.

E o pior (ou o melhor)?

Eu não me arrependo ou não questiono.

Só continuo girando o ferrão
e soltando mais uma linha
pro vento levar.

Soraya ponciano





A Escorpiã Que Enterrou O Próprio Veneno

Eu enterrei meu filho.

Depois enterrei o amanhã que eu desejei pra ele.

Tempo?

Já era desde o dia em que a vida fechou os olhos dele.

O que sobrou não foi luto.

Foi o estrago que a vida fez:

continuar respirando,

continuar pintando arco-íris sobre o caixão,

continuar rindo enquanto o buraco no peito apodrece.

A vida me obrigou criar o monstro mais bonito que existe:

uma mãe que perdeu tudo

e ainda tem coragem de dizer

“eu mereço isso”

e depois ri da cara do espelho.



Porque o pior não é a dor.

O pior é descobrir que a dor virou combustível.

Que o veneno virou tinta.

Que o abismo virou palco.

E eu danço.

Cauda erguida, sorriso cortante,

borboleta negra voando dentro da ferida aberta.

Eu matei o tempo.

Enterrei junto com a dor que sinto.

Agora o vento leva minhas verdades ácidas

e eu fico aqui, viva pra caralho,

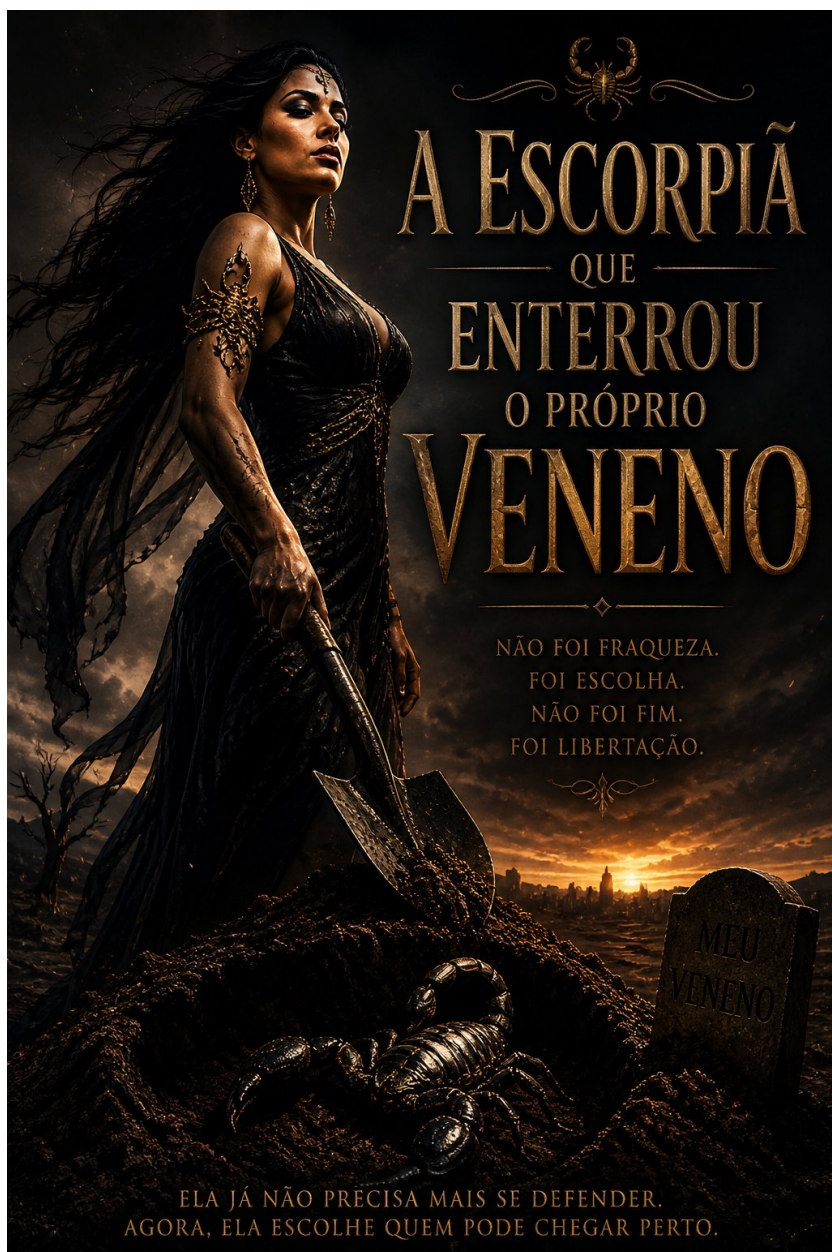
achando graça do estrago.

Porque se eu parar de rir,

eu morro de verdade.

Soraya Ponciano





“Escorpiã”

Eu enterrei meu filho.

Depois enterrei o amanhã que sonhei para ele. Tempo?

Já era desde o dia em que a vida fechou os olhos dele.

O que sobrou não foi luto.

Foi o estrago:

continuar respirando,

pintar arco-íris sobre o caixão,

rir enquanto o buraco no peito apodrece.

A vida me obrigou a criar o monstro mais bonito que existe:

uma mãe que perdeu tudo

e ainda sorri no espelho dizendo

“eu mereço isso”.

Porque o pior não é a dor.



O pior é descobrir que a dor virou combustível,
que o veneno virou tinta,
que o abismo virou palco.

E eu danço.

Cauda erguida, sorriso cortante,
borboleta negra voando dentro da ferida aberta.

Matei o tempo.

Enterrei junto com ele toda a dor que ainda sinto.

Agora o vento leva minhas verdades ácidas
e eu fico aqui, viva,
achando graça do estrago.

Porque se eu parar de rir,
eu morro de verdade.

SorayaPonciano





EU NÃO PEÇO PERMISSÃO.
EU SOU A MINHA PRÓPRIA LEI.

ESCORPIÃ

—  —

EU CARREGO
VENENO,
MAS NÃO
PARA DESTRUIR.

É PARA
PROTEGER
MEU REINO.

SUBESTIMAR
A MINHA CALMA
FOI O ERRO.

ENFRENTAR
A MINHA FORÇA
SERÁ O FIM.

ME CHAME DO QUE QUISER.
ESCOLHI SER ESCORPIÃ.

— SILENCIOSA. INTELIGENTE. LETAL. —
— LEAL A POUCOS. IMPIEDOSA COM QUEM MERECE. —

EU NÃO QUEBRO. EU TRANSFORMO.
EU NÃO CHORO. EU PLANEJO.

EU NÃO SOU O PERIGO.
EU SOU A LIÇÃO.



Os Ventos Que Balançam A Árvore

Não é apenas um amanhecer.

São ventos fortes balançando a árvore,
arrancando folhas mortas que se arrastam pelo chão
como serpentes feridas.

Da janela eu vejo o céu queimar em vermelho
incandescente,

e dentro de mim os pensamentos explodem, indecentes.

Minha boca quer cuspir palavras sem nexo,
meus passos não encontram chão,
meu desejo aparece sem sexo,
minha garganta seca, sem ar.

Gotas de suor explodem na pele,
enquanto eu me contorço nessa tortura silenciosa,
cansada de te procurar em cada sombra,



cansada de me procurar em cada espelho rachado.

Nas palavras que tropeçam e fogem,

tento decifrar:

quem sou eu agora,

quem foste tu,

ou quem diabos ainda está por chegar.

Soraya C. Ponciano



OS VENTOS
QUE BALANÇAM
A ÁRVORE,

SÃO OS MESMOS
QUE LEVAM
A FOLHA.

NEM TODOS
OS MOVIMENTOS
TRAZEM VIDA.

ALGUNS APENAS
SABEM DESTRUIR.



Há Momentos

Há momentos em que o pensamento ainda voa,
tão alto que eu me assusto com a altura da queda.
Fico suspensa num lugar solitário,
confortável como um velho casulo que já não me cabe
mais.
É quando meu coração,
cansado de fingir,
abre a boca e fala o que realmente sente.
Ele ainda sonha com o toque da inocência que eu mesma
enterrei,
com o pão repartido em mesas que já não existem,
com vozes de anjos que hoje soam como ecos distantes,



com jardins floridos sobre terras que eu sei que escondem
covas.

Sonho com crianças livres como pássaros

e lembro que um deles voou cedo demais.

Sonho com cascatas limpas desaguando no mar,

com sorrisos em rostos enrugados que cumpriram seu
dever,

com um céu brilhante sem buracos,

sem destruição,

só amor e sonho.

Desejo transformar este quadro em paraíso...

mas o sono que chega não é mais ingênuo.

Ele me lembra que eu já dancei nua sobre os cacos,

que ri do estrago que eu mesma fiz,

que pinteí arco-íris com sangue e veneno

e ainda continuo viva.



Sim,

o poeta tem direito de sonhar.

Mesmo aqui.

Mesmo neste mundo real,

cruel e cheio de dor

que eu ajudei a construir.

A diferença é que hoje eu sonho de olhos abertos,

com o ferrão erguido,

com o riso ácido nos lábios,

e com a certeza de que

mesmo que o paraíso nunca chegue,

eu ainda sei dançar no meio do incêndio.

Soraya C. Ponciano



HÁ MOMENTOS

que nem o tempo cura.
nem o silêncio consola.
nem a distância esquece.

São marcas que ficam
na alma.

Lembranças que doem
em cicatrizes.

E a gente aprende
a sorrir...

enquanto chora por dentro.



Vida

Ela é tão frágil
que um sopro a quebra,
tão bela e dinâmica
que nos faz esquecer da faca que carrega.
Surpreendentemente cruel,
sem limites,
sem piedade.
Há quem a conduza com mãos suaves,
extraí o mel mesmo do espinho,
agradece a Deus pela dádiva
e ainda consegue sorrir entre os dias ruins.
Há quem se rebele contra ela,
como se a vida fosse uma prisão,
desafiando dois mundos ao mesmo tempo



e tornando-se imunda
cruéis como o próprio tempo que os consome.
Ela é forte,
delicada e impiedosa.
Cheia de limites invisíveis.
No final,
não existe manual,
Só o livre arbítrio,
essa corda fina esticada entre o bem e o mal,
onde cada um de nós caminha,
escolhendo todos os dias
se vai colher o pão do caos
ou se vai cuspir no prato que Deus serviu.

Soraya C. Ponciano





A Trégua

A dor deu uma trégua,
mas a saudade não sabe o que é paz.
As recordações silenciaram,
o vento parou de bater na janela,
e por um segundo o mundo fingiu que respirou.
Eu também fingi.
Sorri para o espelho e
disse que estabilizou...
mas o peito continuou latejando
no mesmo ritmo antigo do teu nome. É uma calma
traíçoeira,
dessas que o mar faz quando guarda os naufrágios mais
fundos
sem nunca entregar os corpos.



Por fora,

tudo quieto.

Por dentro,

eu ainda carrego o caixão nos ombros,

a lua teimosa ainda se recusa a cair,

e o cão velho do tempo continua dormindo

em cima da ferida que não fecha. Ari,

mesmo nessa trégua falsa eu te sinto.

Mesmo quando o silêncio parece leve,

eu sei que é só o vento prendendo a respiração

antes de voltar mais violento.

Eu continuo caminhando.

Com a leoa ao meu lado,

com o filhote de luz invisível brilhando no peito,

com as mãos cheias de espinhos e arco-íris.

A trégua pode ter chegado.



Mas eu não baixei a guarda.

Eu só respirei fundo...

e preparei o próximo verso.

Soraya Poetisa



A TRÉGUA

Não é o fim da guerra.
É apenas o instante em que o coração
consegue respirar entre duas tempestades.

É o silêncio que costura as feridas,
é o olhar que escolhe não odiar,
é a humanidade lembrando
que ainda é capaz de se abraçar.



Não Posso Parar

Se eu parar, morro.

Simples assim.

A palavra é meu oxigênio,

o verso é minha veia aberta.

Quando a caneta descansa,

a morte se aproxima devagarinho,

senta ao meu lado e começa a contar

quantos dias faz que você se foi. Por isso eu escrevo.

Por isso eu pinto.

Por isso eu grito em forma de arco-íris

e transformo sangue em tinta preta.

Parar seria admitir

que o caixão ganhou.

Parar seria deixar o cão velho do tempo



dormir definitivamente em cima da minha ferida. Então eu continuo.

Mastigando vidro, cusbindo diamante,
engolindo silêncio até ele virar trovão.

Eu não produzo por beleza.

Eu produzo pra sobreviver.

Cada poema é um soco na cara da morte.

Cada tela é um “ainda estou aqui”

escrito com as cores que você amava. Enquanto eu criar,
eu vivo. Enquanto eu viver,
você não morre de verdade.

Não posso parar. Não vou parar.

Enquanto houver fôlego,

haverá fogo.

Sorayapoetisa



